



Do livro à História

O percurso da descoberta

Projecto Final: Pós-graduação: Leitura,
Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas
Actividades Educativas

Orientação: Professor Doutor Rui Trindade

Carla Alexandra Pereira Ribeiro Baptista
Julho.2011



‘Os docentes familiarizados com métodos activos, com as novas pedagogias e com as teorias construtivistas estão “como peixe na água” quando são convidados a desenvolver competências, o que já fazem, geralmente.’
(Perrenoud, 2001a:23)

Índice

Introdução	4
Capítulo I – Ler e escrever: para quê?	5
Capítulo II – Do livro à História	9
Caracterização do grupo	10
A questão	12
Como decorreu	12
Avaliação	15
Capítulo III – O meu papel, enquanto professora	17
Bibliografia	20

No âmbito da Pós-graduação em *Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Actividades Educativas* foi-nos solicitado a narrativa sistemática de um projecto já realizado, assim propus-me narrar reflectidamente o projecto colectivo ‘Mataram o Rei!’.

Depois de uma breve reflexão sobre a funcionalidade da leitura e da escrita e da sua relação com o trabalho de projecto, proponho-me a mostrar o trabalho de projecto colectivo, desenvolvido com crianças de 4º ano de escolaridade, que surgiu após a leitura da obra com o mesmo nome, reflectindo sobre as competências desenvolvidas no decorrer do mesmo.

Por fim, irei reflectir sobre o meu papel enquanto professora em contexto de sala de aula, as tarefas que cabem a uma docente como promotora de uma relação mais significativa dos alunos com os livros.

Capítulo I – Ler e escrever: para quê?

Segundo Perrenoud (2001a), um projecto confronta-se com ‘verdadeiros’ problemas, exigindo trabalho, cooperação, perseverança, método e competências e saberes; oferece uma oportunidade magnífica de autoavaliação espontânea ou solicitada; obriga a cooperar; ajuda cada individuo a formar-se como pessoa, a relacionar-se com e a diferenciar-se dos outros; desenvolve a autonomia e a capacidade de fazer e negociar escolhas; pois, compreender a sociedade é entrar em contacto com os seus múltiplos mecanismos, por vezes aprende-se observando e discutindo.

A turma pode estar, simultaneamente, envolvida em vários trabalhos de projecto de pequeno grupo – em diferentes fases de desenvolvimento – e/ou num trabalho de projecto comum, colectivo.

Para desenvolverem trabalhos de projecto, as crianças e o professor, necessitam de tempo, documentação e materiais de pesquisa e experimentação à disposição, podendo recorrer à família, à comunidade, a associações ou a instituições através de entrevistas, de correspondência normal ou recorrendo a novas tecnologias.

‘Numa turma, um trabalho de projecto nunca é inofensivo, se o docente aceita e favorece a emergência do projecto, melhor dizendo, limita o seu próprio poder deixando-o aos alunos’ (Perrenoud, 2001a, p.118)

Comunicar os projectos desenvolvidos permite a utilização da comunicação oral e escrita, para expor as descobertas e aprendizagens realizadas à assistência e para ficar registado, permitindo uma consulta posterior. Aqui o trabalho é mais complexo, pois não basta pensar nas palavras e dialogar com os colegas, é necessário que a sua ideia seja perceptível na sua ausência, é necessário criar um texto, partindo com palavras que os autores e as outras crianças conheçam e compreendam.

“Habitualmente, dizemos a nós próprios o que vamos escrever”
(Vygotsky, p.143).

Após a comunicação do trabalho de projecto, o grupo ouve a crítica, argumentando as escolhas, esclarecendo dúvidas.

Neste âmbito, ler e escrever é comunicar e comunicar é ler e escrever.

‘O projecto funda-se (e fecunda-se) numa organização democrática’

(Peças, p.60)

O diálogo, a conversa são os primeiros instrumentos de que a criança dispõe para interagir/ comunicar na escola. Quando o professor promove diálogos, conversas, a livre expressão dos alunos está a promover a discussão de ideias entre pares, está a promover a aprendizagem e a inclusão de todos os elementos no diálogo, no grupo.

‘É por meio do dialogo, na verdade, que se constrói o sentido da comunidade.’ (Pontecorvo, p.185)

Este diálogo, esta discussão de ideias continua quando o professor promove a leitura e a escrita por prazer, por escolha da criança. A partilha dos textos lidos e/ou escritos pela criança autonomamente, bem como a construção colectiva de um texto, mostrando às crianças como se escreve uma ideia que seja perceptível para todos facilitam o diálogo, a formação de leitores e escritores. A discussão em torno das leituras e dos textos escritos pelas crianças vai aumentando com o grau de dificuldade e a maturidade do grupo, pois a ideia precisa ser perceptível não apenas para o grupo, mas para quem a ler e com ela interagir fora do grupo.

‘A leitura é um acto essencialmente cognitivo, envolvendo simultaneamente, compreensão e raciocínio.’ (Lopes, p.84)

O professor, neste sentido, promove uma relação de maior proximidade dos alunos com os livros através da promoção actividades lúdicas, significativas e transformadoras.

Abrir o leque de hipóteses da leitura, as suas diversas funcionalidades aumenta o leque de leitores. Permitir que a criança escolha o livro que quer ler e porque o quer ler transforma a leitura no projecto desse leitor, solicitando a sua interpretação e contextualização social e cultural.

Ler um capítulo da história de um povo não significa que se compreenda esse capítulo da história desse povo. Podemos interpretar o que se escreveu sobre a história, mas é uma estória, se não interagirmos com as personagens e o contexto em que os factos aconteceram.

“Aprender significativamente, portanto, significa perceber que textos, imagens e artefactos estão sempre repletos de significações e possuem seu tempo e seu lugar, seus valores e sua ideologia, mas que essas significações nem sempre deixam de ser contradições.” (Selbach, p.20)

Isto significa que se recusa qualquer visão escolástica da leitura, para se afirmar a sua dimensão funcional. Isto é, a relação autêntica entre os livros e as necessidades quotidianas dos alunos, os seus desejos, a sua vontade de conhecer, constituem a estratégia utilizada para transformar os livros em companheiros inseparáveis dos alunos.

Capítulo II – Do livro à História

A Escola EB1/JI das Ribeiras pertence ao Agrupamento de Escolas de Perafita, concelho de Matosinhos, é TEIP (2006), pelas características sociais envolventes e pelo abandono escolar dos alunos dos 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico.

Este ano lectivo, 2010/2011, a escola entrou em obras de melhoria/ampliação, pelo que nove turmas foram colocadas em monoblocos pedagógicos climatizados (vulgo contentores) no campo de jogos do recreio da EB 2,3 de Perafita.

A turma do 4ºBR é constituída por 12 raparigas e 11 rapazes. 50% das famílias que constituem a turma são economicamente carenciadas. O nível de escolaridade dos pais/encarregados de educação limita-se ao 6º ano de escolaridade, apenas duas mães concluíram o 12º ano de escolaridade.

Sou professora titular desta turma desde o 1º ano de escolaridade, pelo que já trazíamos três anos de trabalho cooperativo, com momentos de trabalho autónomo e momentos colectivos, característicos do Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna, centrado em revisão de textos, na resolução de situações problemáticas ou no desenvolvimento de trabalhos de projecto colectivos e de pequeno grupo, sem esquecer os conselhos de cooperação educativa, onde aprendemos a regular a vida da turma, a vida em colectivo. Toda a actividade educativa assenta na cooperação e interacção do grupo – professor e alunos – promovendo a livre expressão dos alunos e a troca de produções e de saberes, estimulando o desenvolvimento psicológico e social das crianças; na participação democrática das crianças, que se concretiza na gestão cooperada do currículo escolar, na planificação e avaliação pelos alunos com o professor, no trabalho diferenciado de aprendizagem dos alunos.

A sala de aula foi um espaço de interacção e comunicação, onde as crianças tiveram livre acesso a todos os materiais estruturados e não estruturados, à biblioteca de sala de aula, ao computador, aos ficheiros. Os recursos foram usados no decorrer dos tempos colectivos e de trabalho autónomo.

A não utilização de manuais escolares como guião das actividades a desenvolver, facilitou o envolvimento e o interesse das crianças nos projectos colectivos que fomos desenvolvendo, desde o 1º ano de escolaridade.

Os livros estiveram sempre presentes na sala de aula, pois eram recursos para os trabalhos de pesquisa, para o estudo, mas também uma fonte de prazer e de comunicação. A biblioteca de sala de aula sempre foi um espaço de livre e fácil acesso.

Logo no 1º ano de escolaridade as crianças começaram por ler as imagens dos livros que estavam ao seu dispor e que poderiam folhear no momento de Trabalho Autónomo. A família foi convidada a vir ler para a turma, foi o recurso mais afectivo e acessível. Com o ‘Momento de Culinária’, as revistas e as receitas de culinária foram surgindo naturalmente. O papelão da sala ia ficando cheio demasiado depressa e o lixo misturava-se, surgiu a necessidade de saber reciclar – Projecto Reciclagem, que fomos comunicar ao 5º ano de escolaridade, à turma dos padrinhos.

Já no 2º ano de escolaridade, eram as crianças da turma que se inscreviam para irem ler às turmas do Jardim de Infância – Projecto Hora de Ler à Pré. O entusiasmo durou todo o ano lectivo, só terminando porque era a vez de as outras turmas lerem também. Além de treinarem a leitura para os outros, com entoação e fluidez, as crianças ajudavam as crianças das salas do Jardim de Infância a fazerem um resumo, primeiro ilustrado, depois escrevendo uma pequena frase sobre a história/livro que a criança de 2º ano tinha acabado de ler. A escrita e a leitura livres e constantes na sala de aula deram origem a outro projecto: Feira do Livro I. As crianças, a pares escreveram e ilustraram textos, que depois foram encadernados para vendermos numa Feira do Livro, pelo prazer de escrever, tendo as crianças como autores.

No 3º ano de escolaridade surgiu a proposta da Animadora Socioeducativa para construirmos um jogo que ela tinha escolhido. Precisámos do livro como ponto de partida. O Projecto A Menina do Mar – *The boy and the girl*, foi um dos projectos mais marcantes da turma, pois surgiu da leitura e interpretação da obra de Sophia de Mello Breyner em dez partes, fizemos um pequeno resumo para com a ajuda da *teacher* traduzirem para inglês (construíram dicionários ilustrados), com o professor de música ritmarem e com o professor de educação física coreografarem a história. Com o envolvimento dos professores da Actividades de Enriquecimento Curricular, *The boy and the girl* foi o úmero que apresentaram na festa de fim de ano lectivo.

No 4º ano de escolaridade, o livro era ‘da família’. Da leitura livre, por prazer, faziam-se resumos escritos que partilharam com os colegas, no blog e/ou no momento colectivo ‘Ler, mostrar e contar’. Da leitura do livro ‘Flicts’, de Ziraldo, surgiu o Projecto Flicts que consistiu na revisão colectiva de textos individuais e culminou com a

compilação desses textos e um colectivo no livro 'Flicts e os novos amigos'. Para podermos ir visitar os correspondentes, as crianças escreveram textos variados para a Feira do Livro II. No Projecto Mataram o Rei! a compilação em livro surgiu naturalmente.

Todos os projectos foram planificados e desenvolvidos pelas crianças, com a minha orientação, com recurso aos livros, à comunidade e à família.

A questão

2010 foi o ano do centenário da República Portuguesa e as crianças não haviam valorizado este acontecimento. Os Programa e Currículo Nacional do 1º Ciclo do Ensino Básico são a preocupação de qualquer professor, pelo que precisei ser eu a propor a leitura do livro 'Mataram o Rei!', de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.

'Mataram o Rei!' aborda a vida na sociedade lisboeta, aquando da revolução republicana. Duas crianças e um adulto, no início do século XXI, fazem uma viagem no tempo e vivem com as crianças e adultos da época. Os relatos da vida no início do século XX vão sendo descritos e comentados no decorrer da acção.

Como decorreu

Na primeira reunião de pais/ encarregados de educação, no primeiro dia de aulas, apresentei as minhas propostas para o Plano de Actividades a desenvolver pela turma. Para este ano lectivo sugeri a leitura, em colectivo, do livro "Mataram o Rei!" e a proposta foi aceite pelos pais/encarregados de educação.

Dei a conhecer o Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico às crianças, que depois afixámos na parede e iniciámos o projecto colectivo "Mataram o Rei!". Começámos por planificar, a estratégia a utilizar foi discutida e proposta pelas crianças: cada capítulo seria lido, em voz alta, por uma criança - enquanto os colegas acompanhavam a leitura em silêncio.

A capacidade de as crianças se colocarem na 'pele' das personagens foi muito difícil de conseguir, queriam saber mais, descobrir a história que a estória não contava.

Ficou decidido que após a leitura do livro iríamos estudar a vida no início do século XX.

O texto de cada capítulo foi aproveitado para desenvolver conceitos de Matemática – leitura de numeração romana, conceito de século – de funcionamento da Língua Portuguesa – adjectivos, verbos... -, esclarecimento e pesquisa no dicionário do significado de algumas palavras mais ‘estranhas’ para o vocabulário das crianças – farfalhudo, ...

Acabámos a leitura e planificámos o novo projecto: o trabalho de projecto colectivo. Dividimos os temas abordados na estória por pequenos grupos de dois elementos, a forma de avaliação e a comunicação do projecto aos pais.

Assim, começámos a dedicar um tempo semanal para este projecto colectivo, em que todos pesquisavam temas diferentes, a partir de um mesmo interesse e objectivo: comunicar, mostrar que somos capazes.

As crianças pesquisaram no próprio livro “Mataram o Rei!”, em livros técnicos de história, em revistas, na internet, em manuais existentes na biblioteca da sala de aula...

A interpretação e a reescrita do que liam tornaram este um projecto de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática.

Ao utilizarem o «Magalhães» como instrumento preferido de trabalho, desenvolvemos a utilização das TIC. As competências adquiridas ao longo dos três anos lectivos anteriores foram, neste caso, uma mais valia, podendo ser responsabilizadas, também, pela ocorrência de momentos inesperados, como estes que se passam a narrar.

Um dia não tínhamos computadores suficientes para que todos os grupos pudessem desenvolver o projecto. Uma das crianças que tinha trazido o seu «Magalhães» pertencia ao grupo da árvore genealógica do rei D. Manuel II. Normalmente esta criança disponibilizava o «Magalhães» sempre que algum grupo necessitasse, pelo que questionei: “Ides precisar do «Magalhães» ou ides desenhar a árvore genealógica em papel?...” a resposta foi surpreendente: “Professora, podemos fazer a árvore genealógica nos quadradinhos do Excel!” Este grupo construiu a árvore em Excel, depois copiou-a para o *ppt* que construiu para a comunicação.

Colocarem-se na ‘pele’ das pessoas do início do sec. XX era um outro desafio bastante ambicioso que havia que estimular, o qual foi sendo conseguido à medida que o trabalho evoluía. Quando, por exemplo, o grupo das ‘Profissões’ revia o seu trabalho

comigo, uma das crianças, que ia a passar, olhou e exclamou, apontando para a fotografia de um ardina: “Professora! Não tem sapatos!”. É assim que o mundo até aí invisível pode adquirir forma e sentido para as crianças. Tudo depende das condições que se criam, das oportunidades que lhes oferecemos e da crença nas suas possibilidades como seres produtores de sentidos sobre o mundo que as rodeia.

O que parecia simples foi-se arrastando, pelas dificuldades inerentes às condições de trabalho que não eram as mais adequadas, mas também pela dificuldade em interpretar os diferentes tipos de textos lidos – os manuais escolares não abordam estes temas tão exaustivamente quanto a turma desejava, pelo que necessitei adquirir livros de história para crianças, que tornassem o discurso mais claro e simples.

Precisámos recorrer a dicionários para interpretar expressões como ‘indústria têxtil’.

Cada grupo construiu o seu *ppt*, argumentando livremente, a pares, a construção das frases e as opções de apresentação. Foram vários os projectos que se construíram, alguns em paralelo ao projecto colectivo.

Em tempo de projectos de pequeno grupo uma das crianças propôs pesquisar sobre a I Guerra Mundial, pois ao procurar informações para o seu tema do projecto colectivo descobriu que Portugal tinha participado na I Guerra Mundial. Escolheu para seu par a bisneta de um português presente na Batalha de La Lys.

Importa compreender que um projecto nunca está acabado, pois um acontecimento leva a outro. Depende de como os alunos são orientados, envolvidos e provocados pelo trabalho em si, pelos outros com quem partilham esse trabalho e pelos seus professores.

A ida ao Museu Marítimo de Ílhavo, já no dia 31 de Março, é um bom exemplo para explicar esse efeito detonador do trabalho que se realiza em projectos. Pudemos subir ao Faina Maior e ‘vestirmos a pele’ dos ‘verdes’ – as crianças do Faina Maior –, observando e interagindo com as fotografias e os materiais usados na pesca do bacalhau. As crianças tomaram consciência das diferenças sociais. Passámos do cenário idealizado pelos livros e fotografias do Projecto Mataram o Rei! para o cenário da real vivência de crianças e homens do início do século XX. O trabalho realizado em colectivo, anteriormente e após a visita, pelas crianças ajudou-as a compreenderem a dificuldade que temos em vestir a pele do passado, as crianças puderam discutir os sentimentos que cada um trouxe da visita ao cenário dos pescadores, dos ‘verdes’ e, em

colectivo, escrever, recordar e reflectir sobre os conhecimentos que tínhamos adquirido ao longo do Projecto Mataram o Rei! e que nos enriqueceram como pessoas.

(ver <http://23amigosparasempre.blogspot.com/2011/05/faina-maior-no-inicio-do-seculo-xx.html>)

Quando nos preparámos para a comunicação do Projecto Mataram o Rei!, a surpresa de verem o trabalho de todos, com cada grupo a comunicar de cada vez, na sala de aula surpreendeu-os, pois não sabiam o que cada um andava a fazer. Expressaram surpresa, pelas fotografias, pela informação fornecida pelos colegas. Questionaram cada par de comunicadores, especificamente “Vocês discutiram muito?”, a resposta era sempre “Sim, um bocadinho.”, justificando que necessitaram discutir o que cada um interpretou, o que iriam escrever, as fotografias que iriam escolher... se não houvesse discussão o trabalho de projecto era só de um e o trabalho não ficava tão interessante.

Precisávamos de explicar melhor o porquê deste projecto e, por isso, começámos a escrever em colectivo a introdução.

‘E o que é que aprendemos uns com os outros?’, perguntei. Escrevemos todos os aspectos mais importantes, que as crianças salientaram e recordavam.

Em colectivo elaborámos, também, o índice através da ordem de entrada de cada tema de pesquisa. Cada *ppt* foi respeitado, na apresentação colectiva.

Em colectivo, escrevemos a bibliografia – os principais livros consultados...

No dia da comunicação à comunidade estávamos todos ansiosos: íamos mostrar o nosso trabalho aos outros, outro desafio bastante exigente!

(ver <http://23amigosparasempre.blogspot.com/2011/02/mataram-o-rei.html>)

Avaliação

A avaliação deve ser contínua, formadora e transformadora.

As crianças avaliaram todo o trabalho desenvolvido, desde o 1º ano de escolaridade, individualmente no Plano de Trabalho Autónomo (autoavaliação) e colectivamente no Conselho de Cooperação Educativa (heteroavaliação). Após cada comunicação de projecto as crianças fizeram a avaliação na folha de registo do projecto

(as dificuldades que sentiram, o que aprenderam) e ouviram a heteroavaliação dos colegas.

No final de cada período fui-lhes solicitando uma autoavaliação escrita sobre os principais momentos que geriam a vida do grupo, Tempo de Trabalho Autónomo, Conselho de Cooperação Educativa e Trabalho de Projectos. Assim, na autoavaliação de Projectos de Pequeno Grupo - final do 2º período, 4º ano de escolaridade -,

às questões:

- . dificuldades sentidas em projecto
- . projecto colectivo preferido,
- . porquê?

as crianças individualmente responderam:

- . pesquisar
- . Mataram o Rei!
- . Comunicámos todos juntos/ vieram muitos pais/ aprendemos

Quando respondem que a maior dificuldade sentida foi pesquisar, noto que a selecção da informação encontrada é difícil de resumir e interpretar, pois existem muitas fontes de informação e as crianças lidaram com essas fontes e com essas dificuldades.

Na resposta do Projecto Mataram o Rei! como o seu preferido é evidente todo o trabalho cooperativo, desenvolvido democraticamente e com objectivos bem claros: aprender mais e comunicar.

As crianças foram desenvolvendo o seu espírito crítico, transformando e escolhendo o seu caminho na aprendizagem, de forma consciente e interventiva. A avaliação desenvolvida ao longo dos quatro anos de escolaridade, com esta turma, tornou os alunos atores conscientes das suas dificuldades e capacidades, deu-lhes maior autoestima e poder de argumentação.

Capítulo III – O meu papel, enquanto professora

Falo sempre na 3ª pessoa do plural porque eu pertença a cada par de trabalho de projecto, eu pertença ao colectivo, enquanto provocadora e orientadora do caminho que o grupo deve seguir, na ‘sombra’ de cada descoberta do par de trabalho.

A partir dos seus interesse ou do Currículo, as crianças escolheram os temas e organizaram-se, eu observei atenta e sugeri que um ou outro elemento do grupo mudasse de par, pelas características das crianças.

No decorrer de cada processo orientei leituras e supervisionei o desenvolvimento de cada par de trabalho, deixei-os discutir opiniões e chegar a consensos.

Para o Projecto ‘Mataram o Rei!’, precisei recordar a história do sec. XX, preparar forma de clarificar conceitos, que só serão compreendidos com o tempo, com a maturidade, mas que as crianças queriam compreender!

Na preparação para a comunicação, moderei o processo conducente à elaboração dos textos colectivos.

Tenho consciência que este sucesso foi conseguido pelo investimento dos anos anteriores, em trabalhos de projecto (de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática) realizados pela turma, em colectivo, em pequeno grupo e individualmente, assentes no Modelo, cujos princípios pedagógicos, permitiram que o grupo partilhasse a gestão do espaço e do tempo, do Currículo.

Ao partilhar a meu poder com o grupo, em gestão democrática – permitindo a livre discussão de ideias/ propostas em momentos colectivos, como o Conselho de Cooperação Educativa ou, diariamente, o ‘Ler, mostrar e contar’ – fiz com que as crianças se tornassem atoras na construção do seu conhecimento, lendo, escrevendo, reflectindo e partilhando opiniões, argumentos, sentimentos sem receio de os outros discordarem.

Provoquei a leitura ao colocar livros na biblioteca de sala de aula – uns adequados à idade das crianças, outros mais técnicos –, à disposição das crianças, permitindo, assim, que a leitura transformasse os meus alunos: deixaram de ver o livro como algo da escola, tornaram-no seu.

Inicialmente, as crianças sugeriram que a família lesse para eles, não a professora, depois sugeriram serem elas próprias a ler para os colegas e, finalmente, poderem levar o livro para casa. As crianças começaram por levar livros de contos,

poemas, anedotas..., depois passaram a levar livros de pesquisa. Cada criança tornou o livro (e a leitura) uma escolha sua, um projecto a ser desenvolvido por si, para depois o partilhar com os colegas, escrevendo resumos que liam no momento colectivo 'Ler, mostrar e contar' e/ou partilhavam no blogue da turma, escrevendo no 'Diário de Turma' que depois era lido no Conselho de Cooperação Educativa.

Cada criança encontrou a sua forma de comunicar com os textos/livros que lia, a escrita e a leitura ganharam sentido, tornaram-se parte de vida destas crianças. O livro como recurso de saber e de prazer foi sempre transformador.

Ao valorizar as motivações, interesses e a história do grupo permiti um melhor e efectivo desenvolvimento pessoal e social destas crianças, pois são crianças criativas, curiosas, com poder de argumentação e espírito crítico, tornaram-se mais solidárias e seguras. As crianças descobriram e aprenderam, cooperativamente, desenvolvendo a autoestima, apresentando de propostas, atitudes mais positivas em situação de conflito e na aceitação de críticas. Ao estarmos permanentemente confrontados com as produções e comunicações do grupo permitiu-nos adequar e desenvolver as nossas aprendizagens e motivações.

Todo o trabalho desenvolvido assentou na descoberta e na procura de saber mais.

Do livro chegámos à História, com vontade de conhecer mais, de compreender o passado e o presente, com vontade de intervir com responsabilidade e respeito pelo outro.

Bibliografia

- ALVES MARTINS, M. e NIZA, I. (1998), Psicologia da Aprendizagem da linguagem Escrita, Lisboa: Aberta
- ALVES MARTINS, M. e CASTRO NEVES, M. (1994), Descobrimo a Linguagem Escrita, Lisboa: Escolar Editora
- GRAVE-RESENDE, L. e SOARES, J. (2002), Diferenciação pedagógica, Lisboa: Aberta
- MAGALHÃES, A. M. e ALÇADA, I. (2009), Mataram o Rei!, Coleção Viagens no Tempo, 5ª edição, Mirandela: Editorial Caminho
- NIZA, S. (1998a), “*A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*” in Inovação, nº11, vol. I, Lisboa: Ministério da Educação
- (1998b), Criar o Gosto pela escrita Formação de professores, Lisboa: Ministério da Educação
- LOPES, F. (2009), “*A literatura para a infância e a compreensão leitora: A escola e a formação de leitores*” in Modelos e Práticas em Literacia, Lisboa: LIDEL
- PEÇAS, A. (1999), “*Uma cultura para o trabalho de projecto*” in Escola Moderna nº6, 5ª série, Lisboa
- PERRENOUD, P. (2001), Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza, 2ª edição, Porto Alegre: Artmed Editora
- PERRENOUD, P. (2001a), Porquê construir competências a partir da escola?, Porto: Edições Asa
- PERRENOUD, P. (2002), “*Os desafios da avaliação no contexto dos ciclos de aprendizagem plurianuais*” in As competências para ensinar no Século XXI”, reimpressão 2007, Porto Alegre: Artmed Editora
- PONTECORVO, C (2005), Discutindo se aprende – Interação social, conhecimento e escola, Porto Alegre: Artmed Editora

SANTANA, I. (2007) A aprendizagem de escrita – Estudo sobre a revisão cooperada de texto, Porto: Porto Editora

SELBACH, S. (2010) História e didática – coleção como bem ensinar, Rio de Janeiro: Editora Vozes

TRINDADE, R. e COSME, A. (2010) Educar e aprender na escola – Questões, desafios e respostas pedagógicas, V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão

VYGOTSKY, L.S. (2007), “*Pensamento e palavra*” in Pensamento e Linguagem, Lisboa: Climepsi Editores